

## TÉCNICA E CAPITAL: UMA BREVE CRÍTICA DA GESTELL HEIDEGGERIANA A PARTIR DE BAUDRILLARD<sup>1</sup>

*Technique and capital: a brief criticism of the heideggerian gestell from Baudrillard*

---

Ítalo Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é comparar as abordagens sobre os processos tecnológicos de dois filósofos: Jean Baudrillard e Martin Heidegger. O fio condutor da análise é a intersecção entre tecnologia e capital, através das formas de produção e mercadorias. A noção de Gestell em Heidegger é apresentada como a essência da técnica, e busca compreender o seu modo de desvelamento particular. A abordagem heideggeriana também evidencia a maneira pela qual a técnica nos convoca, e nossa impossibilidade de encará-la como um meio para fins. Baudrillard investiga não somente a produção de instrumentalidade em si mesma, mas rastreia na economia política a forma-mercadoria como um modelo pelo qual objetos são produzidos em relação com a própria materialidade de cada contexto sócio-histórico. A abordagem de Baudrillard torna interdependente, e em certa medida indiscernível, a relação técnica-capital, com isso, permite um aprofundamento no entendimento da maneira em que constituímos sentido na lida com essa instrumentalidade.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Capital. Gestell. Economia Política. Simulação.

### ABSTRACT

The aim of this paper is to compare the approaches on technological processes of two philosophers: Jean Baudrillard and Martin Heidegger. The thread of the analysis is the intersection between technology and capital, through the forms of production and goods. The notion of Gestell in Heidegger is presented as the essence of technique, and seeks to understand its particular mode of unveiling. The Heideggerian approach also highlights the way in which technique summons us, and our impossibility of seeing it as a means to ends. Baudrillard investigates not only the production of instrumentality itself, but traces in political economy the commodity-form as a model by which objects are produced in relation to the very materiality of each socio-historical context. Baudrillard's approach makes the technical-capital relation interdependent, and to some extent indiscernible, and thus allows for a

---

<sup>1</sup> DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.250034>

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: [italo0ri@gmail.com](mailto:italo0ri@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0514-1553>. Doutorando em filosofia contemporânea pela PUC-Rio. Pesquisa tecnologia e capital em Baudrillard, e materialidade das relações de saber-poder em Foucault.

deeper understanding of the way in which we constitute meaning in dealing with this instrumentality.

**Key-words:** Technology. Capital. Gestell. Political Economy. Simulation

O presente texto busca contrapor o pensamento de dois filósofos do século XX sobre a maneira em que os processos tecnológicos constituem sentido no mundo contemporâneo. A obra de Martin Heidegger é um marco para o tema. Apesar de não ter escrito especificamente um grande volume de escritos sobre a técnica, suas provocações reverberam até hoje. Tomaremos seu texto *A Questão da Técnica* de 1953, como um ponto central de sua obra para debater o tema. Entendo que tal texto contempla de forma bastante satisfatória a investigação do autor sobre a técnica moderna e suas implicações.

Jean Baudrillard encontra-se um pouco mais adiante no século XX, e com uma posição ligeiramente mais privilegiada para entender o avanço dos processos tecnológicos. Contudo, a pretensão desse texto é debater menos a atualidade desses dois filósofos e mais a qualidade do tipo de abordagem que eles partem. O ensaísta francês tem uma gama mais variada de escritos sobre a tecnologia. Contudo, selecionaremos principalmente o texto *A Troca Simbólica e a Morte* de 1976, como base para reconstruir o pensamento do autor sobre uma espécie de tecnocapital.

Ressaltando relativamente a singularidade de cada abordagem, pretendo entender o que se ganha e o que se perde, em certo sentido analítico, quando separamos os campos tecnologia e capitalismo<sup>3</sup>. Busco uma posição de balanço entre as abordagens citadas, mas defendo que levando em consideração a estrutura material político-econômica - organizada atualmente através do capitalismo – avançamos um pouco melhor no entendimento dos processos tecnológicos contemporâneos e sua maneira de incidência nas subjetividades.

---

<sup>3</sup> Utilizo aqui a noção de capitalismo principalmente representada pela economia política. Segundo o objetivo de debater os processos tecnológicos, entendo que seja relevante colocar em questão as formas de produção que a técnica engloba, assim como o status dos objetos técnicos enquanto mercadorias. Tratar de capitalismo aqui é, a partir de Jean Baudrillard, levar em conta as noções de valor de uso, valor de troca, modo de produção e consumo.

## 1. A DIS-PONIBILIDADE NA NOÇÃO DE GESTELL

A famosa conferência de Heidegger *A Questão da Técnica* de 1953 é um marco para a problematização do que chamamos processos tecnológicos. Essa reflexão tem por objetivo algo não muito trivial, pois pretende responder ao desafio de avançar no entendimento da essência da técnica. Questionar a técnica, para Heidegger, pode ser cair em algumas armadilhas de um entendimento não interessante do fenômeno, ou não verdadeiro. E, o que poderia ser um conhecimento não verdadeiro sobre esse fenômeno inicialmente? Qual seria o caminho percorrido frequentemente para entender a técnica?

Heidegger aponta que entender a técnica como um meio para um fim, ou uma atividade humana são concepções meramente instrumentais, são determinações tanto instrumentais quanto antropológicas (2002, p. 12). Ou seja, não podemos, em última instância, confundir a essência da técnica, ou sua maneira de ser, com os instrumentos os quais ela é consumada materialmente. Essa concepção seria meramente um entendimento instrumental, ou uma entificação, sobre o fenômeno. Dessa forma, existiria um ocultamento da verdadeira maneira de ser da técnica, estaríamos confundindo propriamente a dimensão instrumental com o modo de ser da técnica.

Contudo, apesar de ser uma concepção instrumental, ela não está incorreta, apenas não consegue nos demonstrar nada de verdadeiro. Esse tipo de questionamento é muito caro ao pensamento heideggeriano. A verdade enquanto questão filosófica não pode ser um problema de correção, ou um problema lógico (HEIDEGGER, 2017, p. 16). A filosofia deve estar preocupada com o que podemos encontrar de verdadeiro na investigação sobre o ser, e não o que podemos dizer corretamente. A técnica como um problema instrumental não nos diz nada de verdadeiro sobre o que ela é. Ou seja, um dos caminhos norteadores dessa reflexão é a necessidade de não se esquecer a diferença ontológica, a confusão da metafísica entre ser e ente, e como o humano está alocado nesse sentido (HEIDEGGER, 2008, p. 202). A concepção instrumental assume corretamente que a técnica é uma atividade humana que mobiliza meios para fins. Segundo o próprio Heidegger, isso é válido

até para a técnica moderna, assim como uma usina produz energia, e um avião a jato é um meio de transporte.

Agora, sabendo que a técnica não pode ser questionada verdadeiramente através de sua concepção instrumental, temos que avançar um pouco mais. Além dessa concepção não demonstrar algo verdadeiro sobre a técnica, ela também instaura um ponto bastante nebuloso para o entendimento verdadeiro. A assunção da técnica como meios exercidos para determinados fins coloca o humano como operador soberano desses instrumentos. Portanto, partindo desse ponto, entenderíamos a técnica como um meio que podemos nos dispor ou não, segundo nosso critério de finalidade específica, e não pensaríamos como ela organiza nossa maneira de nos relacionar com esses próprios fins. Heidegger pretende colocar como questão que não somos manipuladores desses instrumentos.

Se essa concepção não é suficiente, como buscar um entendimento mais verdadeiro sobre a essência<sup>4</sup> da técnica? O caminho percorrido por Heidegger é resgatar uma investigação sobre a causalidade aristotélica para reaver em que sentido a concepção antropológica instrumental da técnica é limitada. O exemplo utilizado pelo filósofo alemão é a feitura de um cálice sacrificial. Pensar a técnica, é pensar o seu modo de constituir essa instrumentalidade. A questão a ser levantada, portanto, não é da finalidade desses instrumentos na relação nossa com o mundo, e com as coisas, mas a maneira como essa instrumentalidade nos coloca em jogo nesse mundo. Heidegger desenvolve resumidamente que

A filosofia ensina Há séculos que existem quatro causas: 1) a *causa materialis*, o material, a matéria de que se faz um cálice de prata; 2) a *causa formalis*, a forma, a figura em que se insere o material; 3) a *causa finalis*, o fim, por exemplo, o culto do sacrifício que determina a forma e a matéria do cálice usado; 4) a *causa efficiens*, o ourives que produz o efeito, o cálice realizado, pronto. Descubra-se a técnica concebida como meio, reconduzindo-se a instrumentalidade às quatro causas (2002, p. 13).

Essa reconstrução, de maneira geral, é um resgate da chamada doutrina das quatro causas. Ela nos esclarece um pouco melhor a maneira pela qual o meio é o vetor da técnica enquanto construção instrumental, ou seja,

<sup>4</sup> Heidegger esclarece que o termo essência não reflete a noção *essentia*, mas o destino dessa técnica enquanto desencobrimento (2002, p. 33).

através disso a técnica ainda pode ser concebida como meio. Heidegger propõe ainda, pensando para além disso, investigar a essência da própria causalidade. Como essas quatro causas reúnem-se numa unidade de fabricação? Existe algum âmbito que costura e agrega a feitura ao mesmo tempo como coesão e limite? Todas essas causas estão interligadas em alguma medida, e na posição do ourives (o efeito) percebemos uma resposta à unidade geral das outras causas.

O elemento crucial desse acontecimento de feitura do instrumento é o ourives, no sentido em que ele responde à uma articulação dos outros modos de fazer, outras causas. Segundo Heidegger, as três primeiras causas respondem ao dar-se e propor-se do cálice ao seu espaço enquanto utensílio de sacrifício, e o ourives responde a esses três modos. Essa chamada resposta possui uma dimensão bem singular, na medida em que coloca em jogo o cálice para sua utilidade final. Esses quatro modos são uma maneira de levar alguma coisa a aparecer. Portanto, essa reunião das causas no trabalho do ourives é um “deixar-viger”, uma maneira de fazer surgir a vigência o que não estar em vigor, em última instância, uma produção (HEIDEGGER, 2002, p. 16).

O que está em questão, portanto, para um entendimento mais verdadeiro da essência da técnica é a produção como maneira pela qual algo é levado a aparecer, não somente no sentido da criação artesanal ou artística, mas num sentido mais amplo. Nas palavras de Heidegger, esse produzir é “tanto o que cresce na natureza como também o que confecciona no artesanato e se cria na arte” (2002, p. 16). Tratando-se da técnica no contexto antigo, ela é o que cria através da arte (techne) em comunhão com o que é fornecido ao artesão, resguardando os limites que esse recurso material fornece.

Através disso, entendemos finalmente que a essência da técnica é o gesto que dirige o processo de encobrimento para desencobrimento. Nesse sentido, ele repousa no próprio acontecimento de desocultamento da verdade. A qualidade da relação técnica se expressa como “uma forma de desencobrimento. A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá o descobrimento e des-encobrimento, onde acontece ἀληθεια, verdade” (HEIDEGGER, 2002,

p. 18). Ou seja, a técnica, resumidamente, não é um meio, mas uma forma de descobrimento.

Apesar de investigar o que existe de mais próprio na técnica, na sua maneira verdadeiramente de deixar viger algo, Heidegger propõe que existe algo de novo na técnica moderna. Essa novidade é justamente o fundamento que nos chama a questioná-la. Agora, a argumentação heideggeriana percorre exemplos e contraposições que nos permitam entender um pouco melhor essa mudança. Para os gregos, como vimos anteriormente, a τέχνη (techne) é um descobrimento que acontece no deixar-viger. Quando um camponês trabalha no solo agrícola, ele não desfia ou provoca o solo, mas ele lava, cuida e trata para que de alguma forma o solo continue apto em sua condição própria de elemento para produção<sup>5</sup>. Nesse exemplo, Heidegger indica que a técnica moderna não possui essa dimensão de ποιήσις (poiesis), mas a dimensão dominante da técnica moderna seria a exploração, e num sentido bem singular de impor a natureza a função indefinida de fornecimento de energia (2002, p. 19).

Seguindo esse exemplo, percebemos que a agricultura se tornou praticamente uma indústria motorizada. Em certo sentido, a técnica moderna não deixa viger, mas agora ela dis-põe da natureza, ou seja, ordena e atribui uma ordenação determinada. A indústria toma a natureza com um fundo de reserva (Bestand), como disponibilidade para extração do máximo de produtividade e rendimento. Ela, portanto, dis-põe dessas energias para executar sua finalidade pré-determinada mediante todo um processo de exploração. Contudo, o humano não é “agente” dominante nesse processo. Percebemos que “o descobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar” (HEIDEGGER, 2002, p. 20).

O processo de explorar a abertura do descobrimento técnico possui uma multitude de direções e movimentos. O explorar também é extrair, estocar, distribuir, utilizar, transformar, reprocessar, etc. Caminhos e pistas são abertos no acontecimento do descobrimento, e a partir disso, o humano é chamado a dispor dessa trilha, desses caminhos. Dessa forma, para Hei-

---

<sup>5</sup> Destaco que o exemplo utilizado por Heidegger, para tratar dos contrastes entre uma técnica moderna e ancestral, é a agricultura, que seria uma organização do modo de produção. Ou seja, uma das partes fundamentais para explicar a transição entre uma maneira de descobrimento e outra é uma transformação nas estruturas produtivas.

degger não somos os dominadores da técnica que agem por uma vontade soberana. O controle e exploração do ente pelo humano não implica no controle do próprio desencobrimento. Por isso, Heidegger nomeia Gestell<sup>6</sup>, a essência da técnica moderna, como “o apelo de exploração que reúne o homem a dis-por do que se des-encobre como dis-ponibilidade” (2002, p. 23).

O debate de Heidegger persegue uma chamada essência da técnica, mais especificamente, a questão é investigar a singularidade da técnica moderna e a maneira pela qual ela mobiliza o humano e a natureza. Nosso resgate de Heidegger pretende destacar que o filósofo sublinha esse fenômeno de apelo à disponibilidade como pertinente ao âmbito técnico-científico. Ele defende, em última instância, uma estrutura da própria feitura técnica descolada das constituições político econômicas constituídas. Em suma, pretendemos problematizar modestamente a potência de questionamento da técnica moderna, sem levar em conta o capitalismo enquanto forma de organização das relações do humano na materialidade do mundo.

## 2. BAUDRILLARD E O TECNOCAPITAL

### 2.1 A ECONOMIA POLÍTICA DO SIGNO

Os ensaios de Jean Baudrillard possuem um pensamento bastante singular sobre a tecnologia. Tentaremos, frente a esse desafio, levantar alguns pontos mais relevantes desses ensaios para o trabalho em questão – a saber – entender em que pontos os processos tecnológicos contemporâneos confundem-se com as implicações do capitalismo. Num primeiro momento, será necessário esclarecer brevemente como Baudrillard percebe as relações dos objetos como mercadoria na sociedade e o sistema de produção ocidental, após isso, demonstrar a qualidade das transformações da industrialização.

Para Baudrillard, a técnica moderna possui uma função que vai além da instrumental. O desenvolvimento industrial do capitalismo possui uma fi-

---

<sup>6</sup> Interessante lembrar que o termo tem uma variedade considerável de traduções, e a maioria delas não possuem significado tão próximo. O texto aqui tratado possui uma tradução de Carneiro Leão optando por “composição”. Edgar Lyra lembra da diversidade das traduções encontradas em português “*armação, composição, enquadramento, arazoamento, imposição, instalação, dispositivo*” (LYRA, 2014, p. 2).

nalidade funcional no Ocidente. Essa funcionalidade ocupa o espaço de preencher as necessidades do social com objetos, artefatos, produtos adequados a cada situação. Cada instrumento não é produzido exclusivamente por sua necessidade instrumental, mas totalmente vinculado a um certo modelo social gerado dentro da sociedade capitalista. Dessa forma, o desenvolvimento tecnológico é legitimado pela produção de mercadorias que preenchem os desejos e necessidades para o progresso social. A finalidade funcional sanciona uma forma estrutural na sociedade, a forma da economia política, porque

ao final desse processo, final que se esboça para nós apenas hoje, os dois “setores”, da produção e da significação convergem. Produtos e mercadorias se produzem como signos e mensagens e são regulamentados segundo a configuração abstrata da linguagem: veiculam conteúdos, valores, finalidades (seus significados), circulam de acordo com uma forma geral abstrata, organizada pelos modelos. (BAUDRILLARD, 1996, p. 157)

Inicialmente, percebemos que tanto para Heidegger, quanto para Baudrillard, a técnica moderna não é isenta de valores, não é estritamente instrumental. De acordo com o filósofo alemão, sua não instrumentalidade está ligada a uma maneira de desencobrimento, ou desvelação do ser específica. Por outro lado, Baudrillard defende que a não instrumentalidade da técnica está vinculada a um contexto de modelo de sociedade capitalista, de “ideologia”<sup>7</sup> capitalista. Seguiremos nessa pista com o objetivo de entender um pouco melhor a incidência dos processos tecnológicos na sociedade contemporânea.

Baudrillard admite que antes da produção, enquanto maneira de trazer as coisas ao mundo, tudo era deduzido (não produzido) “pela via da graça (Deus), ou da gratificação (Natureza) de uma instância que concede ou recusa suas riquezas” (1996, p. 19). As coisas transitavam e se realizavam no social a partir de uma emanção de outra instância. Através de um alinhamento com essa fonte outra de fruição, o humano conciliava suas atividades no mundo. Guardando as devidas singularidades, essa proposta não está distante do que Heidegger chama de deixar viger. Ainda que o termo utilizado

<sup>7</sup> Coloco entre aspas, pois para Baudrillard não poderíamos dizer que a superestrutura (onde a ideologia estaria engendrada) é desdobramento da relação entre infraestrutura e capital. Não existe essa separação tão clara do que constitui a reprodução das relações sociais.

seja produção (na *poiesis*), a questão contempla um dever responder ao que lhe é chamado, de forma a conduzir o processo e não o controlar<sup>8</sup>. Para Heidegger, esse modo de desvelamento pré-moderno é uma maneira de trazer a vigência o que a *physis* pode proporcionar, e em comunhão com ela.

A partir de certo momento, após as revoluções burguesas, as relações sociais são consumadas através das relações de produção. Resumidamente, o valor que era anteriormente emanado, passa a ser produzido. A atividade de produção, para Baudrillard – permanecendo criticamente na trilha marxiana -, é a dimensão da lei de mercado nos domínios da economia política. Citando Marx, Baudrillard diz que os objetos possuem seu valor de uso acoplado ao seu valor de troca (1996, p. 16). A instrumentalidade dos objetos no seu uso é uma operação concreta da mercadoria no momento de consumo. O status de troca na sociedade da mercadoria é sua capacidade comutável na coletividade. Na análise heideggeriana, não seria difícil imaginar a fabricação do cálice para sua vigência na cerimônia sacrificial como seu valor de uso, por exemplo.

Para Baudrillard, o objeto tem um valor de troca social consumado na relação do capital, pois sua troca é relativa segundo seu uso. Existe uma lei de generalidade das equivalências que pressupõe torna-se condição de possibilidade para a própria produção. Inicialmente, percebemos que não estamos mais no sistema artesão/arte que Heidegger também confirma ter mudado. Apesar disso, uma dimensão fundamental da dimensão material do objeto é entender que seu status de instrumentalidade social é vinculado a uma lei geral de valor. Se não existe mais o sistema artesão/arte no deixar viger, é porque também entra em cena a forma-mercadoria.

Os signos antes da produção eram circulados em toda uma complexidade de ilusão e encantamento. No regime reprodutivo da produção, na revolução industrial, os signos são ociosos e repetitivos. A produção, dessa forma, é uma nova maneira de organizar a sociedade. A lei geral de valor é um meio pelo qual nos relacionamos com os objetos e animais na forma-mercadoria, com a vida através do trabalho. Ou seja, a estrutura da lei geral de valor passa a ser o solo que se constrói sentido no social, organizando

---

<sup>8</sup> Lyra chama esse gesto pré-moderno de “acumplicimento” com a natureza. (2014, p. 4)

também na dimensão da linguagem o plano de interação dos signos<sup>9</sup>. A economia política tece o conjunto de regras pelas quais os instrumentos, objetos, tudo ao alcance do capital pode ser trocado, circulado e valorizado. O surgimento da difusão da produção como forma social no capitalismo pressupôs, portanto, uma nova constituição de sentido na relação com a instrumentalidade. Essa nova relação de sentido é caracterizada pela necessidade de se entender uma economia política do signo na forma-mercadoria.

Até agora, estamos basicamente no âmbito do debate do capital, mas seguiremos adiante. Baudrillard defende que a intensificação da revolução industrial através da técnica – e de acordo com o que debatemos na secção anterior, alinharei ao que Heidegger chama de técnica moderna – pode consumir uma revolução estrutural na lei do valor e da economia política. A partir desse momento, surge o simulacro industrial como uma nova geração de signos e objetos (BAUDRILLARD, 1996, p. 71). A nova configuração permitida pelo desenvolvimento histórico técnico-científico coloca, de certa forma, um fim ao próprio horizonte da produção.

A revolução industrial aliada à potência da técnica moderna surge como nova lida com o mundo e as coisas. A partir de Walter Benjamin<sup>10</sup>, Baudrillard diz que Marx não percebeu a nova maneira em que a intensificação da produção coloca em questão a circulação dos signos. A aceleração do processo de produção torna-se reprodução. Ou seja, a produção indefinida de mercadorias não é somente uma transição quantitativa, mas qualitativa no tecido social. Baudrillard diz que “o primeiro Benjamin(e mais tarde McLuhan) avalia a técnica não como ‘força produtiva’ (aí onde se encerra a análise marxista), mas como meio, como forma e princípio de toda uma nova geração de sentido” (1996, p. 72). A alavancagem material proporcionada

---

<sup>9</sup> Baudrillard cita a linguística de Saussure comparativamente à lei do valor em Marx. A relação funciona da seguinte forma. Primeiro, para Saussure o signo é constituído de significante (imagem acústica do termo) e significado (basicamente o conceito). Na língua existiria duas dimensões de operação desses termos. A primeira dimensão de operação é a relatividade desse no sistema geral, ou dimensão estrutural diacrítica. A segunda dimensão seria a relação interior de cada termo com aquilo que designa, ou aspecto funcional. Finalmente, a dimensão funcional dos signos seria relacionada ao valor de uso dos objetos, e a dimensão estrutural dos signos ao valor de troca dos objetos em Marx. (BAUDRILLARD, 1996, p. 15)

<sup>10</sup> O texto de referência de Benjamin é *A Obra De Arte Na Época De Sua Reprodutibilidade Técnica*.

pela revolução industrial coloca em jogo a potência da serialidade no processo produtivo.

Os objetos, produtos, mercadorias, portanto, passam a ser reproduzidos sem referência a um signo que lhes proporcione lastro no real. A referência de reprodução passa a ser diferencial entre esses próprios artefatos. Isso não quer dizer, em suma, que anteriormente eles possuíam uma alguma referência fixa, mas que a partir de dado momento, a volatilidade da produção imprime uma dimensão de correspondência com o real cada vez menos rastreável. Os objetos não são feitos, por exemplo, tendo como referência estrita seu valor de uso, mas também referindo-se um ao outro. Dessa mesma maneira, os signos que correspondiam à designação desse objeto também perdem referência na sua dimensão funcional do real, e começam a relacionar-se entre si numa explosão da estrutura da lei do valor. Quando objetos e a instrumentalidade passam a ter uma referencialidade circular interna, não existe diferença, eles tornam-se simulacros deles mesmos.

De acordo com Baudrillard, a reprodução opera como sistema técnico-científico na base político-econômica do capital. Assim sendo, esse processo modifica o estatuto de produto e produtor, trabalhador e trabalho. A serialidade do processo de reprodução também é a serialidade da equivalência horizontal do trabalhador no método produtivo (BAUDRILLARD 1996, p. 72). Não somente todos os objetos são réplicas deles mesmos horizontalmente, mas os trabalhadores também são. A revolução industrial possibilita a reprodução indefinida tanto de produtos, quanto de trabalhadores, pois um novo vínculo de sentido está construído na forma de organizar os signos socialmente. A (re)produção, portanto, não é analisada apenas como modo, mas como uma interferência no procedimento de construção da linguagem com a instrumentalidade das coisas.

Para além da automatização da produção como *modo* (para além das convulsões, contradições e revoluções internas ao modo), é preciso fazer ressurgir o código da produção. [...] Analisar a produção como código é passar pela evidência material das máquinas, das fábricas, do tempo de trabalho, do produto, do salário, do dinheiro[...] (BAUDRILLARD, 1996, p. 22)

Baudrillard entende que técnica e capital não podem ser separados de maneira satisfatória para entender como a revolução industrial reorganiza a perspectiva da nossa relação com a materialidade. A fauna dos objetos no tecido social muda completamente após percebermos que a instrumentalidade é configurada primeiramente como mercadoria, e depois como reprodutibilidade indeterminada. Após isso, o capital libera a os objetos de se referirem a algum lastro real no mundo, e libera a forma-mercadoria numa circulação pura.

## 2.2 SIMULAÇÃO OU O CAPITAL EM ESPIRAL

A reprodução torna-se uma maneira hegemônica de produzir a instrumentalidade no social. Contudo, esse modelo tem um limite. Utilizamos os instrumentos, os objetos, as coisas, mas existe um ponto de esgotamento dessa esfera máquina reprodutiva. A forma-mercadoria deve ser reproduzida, mas ela também deve ser consumida. Não podemos só reproduzir e acumular, devemos gastar, dispende.

acumulação econômica, gigantesco engodo, este da acumulação, acumulação do tempo, do valor, do sujeito, etc., o axioma, o mito de uma acumulação real ou possível que nos rege em toda parte e no entanto sabemos que nunca acumulamos nada, que os estoques devoram a si próprios, como as megalópoles modernas, como memórias sobrecarregadas. Toda tentativa de acumulação é devastada a priori pelo vazio. Alguma coisa em nós desacumula mortalmente, desfaz, destrói, liquida, desarticula para permitir que resistamos a pressão do real, que vivamos. Algo no fundo de todo o sistema de produção resiste ao infinito da produção – sem o que já estaríamos soterrados sob isso (BAUDRILLARD, 1994, pp. 63-64).

Após a reprodução indefinida da serialidade, o consumo passa a ser o devorador desse engodo sufocante. O consumo, portanto, é um modelo de subjetivação - se quisermos falar assim - totalmente apoiado na forma de constituição de sentido da (i)materialidade dos processos tecnológicos. O campo de significação da forma-mercadoria contemporânea assume um discurso manifesto sobre o mundo, porque as necessidades não são estritamente individuais. Quando dispomos de algum produto, por exemplo, não o instrumentalizamos somente porque precisamos da sua utilidade prática, mas também porque existe uma gênese 'ideológica' dessas necessidades

(BAUDRILLARD, 1999, p. 59). Atualmente, o consumo é um dos pontos fulcrais desse pilar ideológico.

O consumo é muito mais eficiente quando não tem resíduo, quando compreende a ultrapassagem perda material. Dessa mesma forma, ele também é mais eficiente quanto mais rápido ocorre, quando mais rapidamente gira a economia do capital. Portanto, a reprodução será acoplada ao paradigma da digitalidade. O virtual é a dimensão que ganha campo na revolução informática. Toda atividade dinâmica digital compreende a maneira mais rápida, mais eficiente do consumo. A reprodução não é somente material, mas na digitalidade passa a ser imaterial.

O simulacro industrial, portanto, não é exatamente o pensamento de Baudrillard para e sobre a contemporaneidade. A industrialização moderna aliada à economia política do capital é apenas uma etapa ou modelo – no sentido de ser uma forma-signo específica, e não apenas um momento histórico determinado - no desenvolvimento civilizatório ocidental. Segundo o filósofo francês, depois do simulacro industrial a simulação torna-se um simulacro hegemônico, pois

Depois da metafísica do ser e das aparências, depois da metafísica da energia e da determinação, a do indeterminismo e do código. Controle cibernético, geração pelos modelos, modulação diferencial, retroalimentação, pergunta/resposta etc.: eis a nova configuração operacional (os simulacros industriais são apenas operatórios) (BAUDRILLARD, 1996, p. 75).

Na lógica da reprodução, a forma-mercadoria é serializada como forma-signo hegemônica, a equivalência horizontal quebra o vínculo de sentido com o real numa identidade hiperestrutural. O desenvolvimento tecnológico permite a criação de um outro modelo de constituição da instrumentalidade das coisas. A digitalidade aparece como princípio operacional para mediação da relação econômico-utilitária na sociedade, ou seja, ainda estruturada em consonância com a lei estrutural de valor e economia política. Surge na contemporaneidade a simulação, que realiza a constituição de sentido do humano sob o signo digital.

A serialidade é operativa através da repetição, mas o código<sup>11</sup> é operacional e gerativo. A instrumentalidade através da reprodução implica numa reprodução indefinida de referencial diacrítico, diferencial, apesar disso, ainda encerrada na qualidade de equivalência identitária. Ou seja, a produção de objetos é referida em si mesma, mas ainda apresenta modelos limitados. Os objetos ainda tinham um número razoável de duplos equivalentes. A simulação é baseada na indeterminação de modelos justamente por cada forma já ser um modelo, existe uma modulação diferencial. Na modulação diferencial<sup>12</sup> cada modelo de forma-mercadoria é uma individualização da produção, cada modelo é customizado.

Portanto, o horizonte da técnica era amparado na serialidade do processo industrial, contemporaneamente a operação da técnica é baseada na funcionalidade do código. A produção maquinica massificada atinge um grau de maior eficiência econômica através da quebra da serialidade pela modulação diferencial. A identidade hiperstrutural dos produtos começa a ser rompida pela formação de modelos na própria estrutura dos objetos. A simulação é uma outra etapa nas transformações da economia política. A partir desse momento, cada forma-mercadoria serve como um modelo referencial para reprodução de outras formas. A maleabilidade do referencial é o ponto crucial desse modelo de instrumentalidade das coisas. Todo e cada produto pode ter produtos que se acoplam a ele infinitamente, e podem de outra maneira começarem a ser referências mesmas para a produção de outros instrumentos, objetos, formas, signos.

A operacionalidade do código passa a ser opaca e ilegível, pois a reprodução não atende à uma equivalência identitária, todos os objetos podem

---

<sup>11</sup> A noção de código aparece nos trabalhos iniciais de Baudrillard, contudo está ausente nos escritos a partir dos anos de 1980. Posteriormente o autor parece preferir utilizar as noções de lei estrutural de valor ou mesmo simulação. Tendo em vista essa consideração e a preocupação desse texto especificamente com o fenômeno técnico, utilizarei como sinônimos as noções de código e simulação.

<sup>12</sup> A análise de Baudrillard da moda é interessante para esclarecer esse ponto. A lógica da moda funciona totalmente numa modulação diferencial. Dizemos que algo está na moda quando começa a ser reproduzido por um número considerável de pessoas, ou pessoa públicas de referência. Essa prática é uma difusão diferencial em vários pontos. A reprodução de determinado padrão de vestir não é exata, cada um realiza a sua determinada maneira, e isso já constitui a criação de um modelo. O ponto de origem da simulação de um padrão nunca é totalmente rastreável, muitas vezes não sabemos reconhecer claramente o momento em que se inicia determinada prática. O papel da moda é sempre colocar em xeque a modernidade do atual, por isso, ela é sempre um enforce ao não-atual, rompendo com modelos e criando outros incessantemente (BAUDRILLARD, 1996, pp. 111-117).

servir de modelos e diferenciados de si mesmos posteriormente segundo algum incremento marginal de utilidade. A lógica do código caminha lentamente para um modelo de caixa-preta, na qual o espaço de transformação operacional da forma-mercadoria toma uma direção de inovação imprevisível. Esse tipo de pista que Baudrillard fornece parece ser muito profícua se pensarmos na lógica de linguagem do desenvolvimento de algoritmos, a própria programação do código. A linguagem de programação torna-se cada vez mais opaca e numa direção inesperada. Vários programadores relatam que a experiência de programar é feita atualmente de maneira muito intuitiva.

O paradigma digital funciona amparado no modelo cibernético. Portanto, o que passa a nos mobilizar é o duplo pergunta/resposta. A lógica cibernética organiza um loop infinito de feedback, todo estímulo deve receber uma resposta, um engajamento, uma reação. Nesse sentido, a retroalimentação é a circularidade viciosa desse processo, que constitui novos modelos de reprodução e anarquiza incessantemente os referenciais de sentido, numa combinatória cada vez mais espiralizada. A aceleração do jogo diferencial de signos é um efeito vertigem.

A estrutura desse modelo de interação é constitutiva de sistemas de informação, mas também é base para um modelo de design de interatividade nas plataformas digitais e redes sociais. Portanto, não é somente o modelo estrutural de constituição interna de funcionamento do código em si mesmo, mas é um modelo operacional telemático das interfaces digitais hoje em dia. Toda produção de informação deve admitir uma interatividade. Dessa forma, somos engolidos por essa força de gravidade do estímulo/resposta. Esse ponto é fundamental para destacar a importância do tecnocapitalismo contemporâneo e seu apelo ao engajamento e consumo. Consumimos não somente produtos, mercadorias, mas informação, comunicação, interatividade, essa é a forma-mercadoria atual.

Não por acaso, hoje parece que precisamos de um upgrade do corpo. O corpo biológico não consegue dar conta do processamento da quantidade de informação que consumimos. Talvez não devêssemos tratar de estímulo/resposta, mas de multiestímulo/multiresposta. A intensificação da produção digital pressupõe uma interface cada vez mais rápida e eficiente para tratar a

informação produzida. Portanto, somente um corpo cibernético daria conta de processar os fluxos informáticos atualmente. O paradigma do corpo é incorporado pelo signo do digital na medida em que sua ‘evolução’ é o upload da mente, uma identidade com a eficiência de responder à estrutura cibernética de manipulação de dados.

### 3. CONCLUSÃO

Heidegger quando investiga a técnica preocupa-se com a questão do ser<sup>13</sup>. A Gestell como apelo à determinada forma de desencobrimento é uma reflexão sobre a técnica como desvelamento específico do ser. Nesse sentido, podemos delimitar como escopo de problema a ciência moderna e seus pressupostos. Talvez seja mais cuidadoso tratar a noção da Gestell como um pensamento sobre a *tecnociência*, ou seja, uma abordagem mais ampla. Se direcionarmos o plano de análise para os processos tecnológicos e sua materialidade na produção político-econômica, teremos que investigar melhor a maneira como eles põem em jogo nossa construção de sentido socialmente.

Baudrillard entende que a tecnologia na leitura de Heidegger é uma “ontologia negativa” (2001a, p. 88). O filósofo alemão pensa a tecnologia como um modo de desvelamento último do mistério do mundo através da disponibilidade de tudo que está acessível ao alcance. Essa concepção não é distante do que Baudrillard chama de crime perfeito: a operacionalização do real. A tecnologia ocupa o espaço de resolução dos problemas práticos do mundo. Dessa forma, existe a positividade do humano e das coisas, tudo deve estar acessível e para a reprodução de um real cada vez mais eficiente, sem mistério ou ilusão, tudo produzido (no sentido de *producere*, trazer à luz), positivado<sup>14</sup>.

A contribuição importante de Heidegger pode ser destacada por sublinhar o apelo à disponibilidade. Ou seja, a disponibilidade existe, mas o que garante que o humano não seja senhor dessa disponibilidade é o apelo.

---

<sup>13</sup> Também seria possível situar Heidegger e seu pensamento sobre a técnica no contexto de uma crítica conservadora a um declínio do Ocidente, bastante recorrente na época. Cito como exemplo Oswald Spengler.

<sup>14</sup> O problema da positividade e transparência é abordado por Byung-Chul Han em *Sociedade da Transparência*. O autor sul-coreano erradicado na Alemanha já se identificou como heideggeriano e cita Baudrillard diversas vezes nesse trabalho Cf. (HAN, 2017)

Ele é convocado a responder esse apelo. Heidegger é bem claro quanto à origem desse apelo, ele funciona na medida em que a disponibilidade abre indeterminados caminhos para exploração, para disponibilizar. O humano é interpelado pela disponibilidade justamente porque ela é abertura. Para Baudrillard, a tecnologia operacionaliza o real de maneira definitiva, justamente por ter essa vocação de positividade. Existe a vocação para produção de um real cada vez mais acabado, mais eficiente, rumo a um progresso. Esse direcionamento é o ímpeto de criar um mundo perfeito, totalmente positivo (BAUDRILLARD, 2001a, p. 73). A questão é que, para o filósofo francês, essa vocação se confunde também com o trabalho do capital de acumulação e consumo, num estado promíscuo e indiscernível.

Assim sendo, com sua concepção de objeto-signo, Baudrillard matiza a constituição de sentido em nossa sociedade atravessada pelo capitalismo e seu processo de produção material. Resumidamente, o objeto ou instrumento não é meramente a materialização de um suprimento de necessidade contingente, mas hoje também é mercadoria, ele está no campo da forma-mercadoria. Essa maneira de difusão do objeto técnico transforma consideravelmente nossa maneira de lidar com a tecnologia. Nesse aspecto, a Gestell de Heidegger encontra uma limitação, pois desvinculada da qualidade político-econômica dos processos produtivos materiais – e digitais – não consegue dar conta do complexo técnica-capital.

Baudrillard vai mais longe, quando destaca que a instrumentalidade não é homogênea somente por sua utilidade. De um ponto de vista antropológico, a produção de instrumentos em outras culturas não possui o status majoritário de mercadoria. Os instrumentos possuem um outro âmbito de significação que não se reduz nem ao utilitário, nem ao econômico. Um instrumento produzido por aborígenes, ou indígenas pode ser investido simbolicamente de um signo transcendente<sup>15</sup> num ritual sagrado, por exemplo.

---

<sup>15</sup> A economia política do signo coloca as relações de troca na sociedade sob a estrutura da troca utilitária, da lógica de mercado. Segundo a antropologia econômica, Baudrillard toma como referência Marcel Mauss, o humano estabeleceu outro tipo de relação de troca socialmente, uma troca não econômica, mas simbólica. O potlatch é uma cerimônia realizada por ameríndios em que o ritual de troca tem câmbio ou oferta de presentes numa ocasião especial, e muitas vezes a destruição desses bens ou objetos. Baudrillard pensa essa troca simbólica como ponto de vazamento de uma relação não econômica e utilitária. (BAUDRILLARD, 1996, pp. 127-126; 225; 289)

Diante disso, parece mais claro a incidência do capital na constituição da própria instrumentalidade.

A intensificação do consumo na transição da revolução industrial para a revolução informática compreende uma outra maneira de lidar com a instrumentalidade. Levando em conta o aspecto da disponibilidade da Gestell, podemos pensar que ela poderia também estar apta a lidar com a dimensão do consumo nas sociedades capitalistas. A Gestell como um apelo à disponibilidade investe sobre tudo aquilo que ela organiza enquanto fundo de reserva. Podemos entender que essa lida não é somente do âmbito da organização e enquadramento, mas de dis-por de tudo aquilo que é enquadrado. Portanto, a Gestell pode ser entendida também como o consumo daquilo que ela enquadra, porque disponibilizar compreende também a exploração como etapa<sup>16</sup>, não um enquadramento em si mesmo. Segundo Heidegger, a Gestell é o “apelo de exploração que reúne o homem a dispor”. Por outro lado, esse consumo como aspecto da Gestell, pensado por fora do capital, seria totalmente desvinculado do que Baudrillard chama de gênese ideológica da instrumentalidade. Ou seja, seria necessário ressaltar a dimensão gerativa do consumo rastreando sua origem no contexto capitalista.

Heidegger passando por fora do capitalismo pode se pretender à uma crítica um pouco mais ampla à posição da técnica no mundo. De um certo ponto de vista, a essência da técnica moderna como apelo à disponibilidade pode ser incorporada tanto por um modelo civilizatório capitalista quanto socialista. A técnica moderna enquanto dimensão da própria modernidade, segundo a crítica heideggeriana, poderia ser incorporada tanto para a produção social do capital, quanto para o desenvolvimento do socialismo. Levando a sério esse aspecto<sup>17</sup>, seria interessante pensar, então, em que medida o projeto marxista pode ter uma abertura para se pensar um ecossocialismo. Ou seja, quais são os limites de um projeto socialista lidar com a physis de

<sup>16</sup> “enframing (Ge-stell)— a transformation of the relation between man and the world such that every being is reduced to the status of ‘standing-reserve’ or ‘stock’ (Bestand), something that can be measured, calculated, and *exploited*” (HUI, 2016, p. 3, grifo meu)

<sup>17</sup> Valendo-se dessa posição “anterior” da técnica moderna em relação ao capitalismo, sobrevém também a ideia do capital ser apenas uma instrumentalização da técnica moderna ou uma maneira de ser mesma do processo desencobrimento. Não sigo adiante nessa hipótese por carecer de arcabouço de comentários do próprio Heidegger para avançar nesse ponto. Yuk Hui coloca uma epígrafe de Heidegger em seu livro que talvez aponte nessa direção “If communism in China should come to rule, one can assume that only in this way will China become ‘free’ for technology. What is this process?” (2016, p. v)

uma maneira menos exploratória. Alguns autores lidam com essa questão tanto do ponto de vista das experiências históricas do socialismo, quanto das considerações ao meio ambiente na teoria marxiana<sup>18</sup>.

Também é importante lembrar que o trabalho de Baudrillard abre para pensar mais detidamente o mundo da digitalidade<sup>19</sup> e o virtual como hiper-realização da “physis”. Através do processo de simulação podemos reproduzir na modelagem do código um mundo virtual, na dimensão do progresso e evolução da physis. A invenção de avatares, etc... nos permite pensar que a própria natureza tem seu duplo digital, totalmente eficiente, onde a entropia não acontece. A criação de uma physis utópica – ou distópica – em que os processos de desorganização do sistema são exterminados, e o mundo é totalmente operacional em seu equilíbrio cibernético.

Finalmente, percebemos que, segundo Baudrillard, a tecnologia enquanto produção de uma fauna material para sociedade correlaciona-se com uma estrutura da economia política do capitalismo. Para Heidegger, a técnica implica numa constituição de sentido através da exploração do ente enquanto fundo de energia. Tecer uma análise da técnica por fora do contexto do capitalismo contemporâneo é perder de vista a maneira específica do nosso tempo mobilizar o humano e a instrumentalidade através dos intrínsecos do tecnocapital. Somente entendendo melhor esse contexto, que conseguiremos cultivar algum tipo de caminho de fuga<sup>20</sup> à essa hegemonia.

---

<sup>18</sup> Esse debate não é um ponto pacífico nos estudos marxistas. Existe uma crítica a um “prometeísmo” ecológico de Marx, segundo seu compromisso com o industrialismo. Apesar disso, revisões e reinterpretções buscam reaver os fundamentos dessa crítica em diversos escritos de Marx, como os sobre ciências naturais por exemplo (SAITO, 2016).

<sup>19</sup> Seria injusto esperar de Heidegger alguma consideração analítica que desse conta totalmente das tecnologias de digitalização. Apesar disso, Baudrillard constata em 1976 que “a digitalidade está entre nós”, e parece que suas considerações sobre a tecnologia são bastante atuais (1996, p. 81).

<sup>20</sup> Ressalto aqui que o objeto desse trabalho foi lidar com o possível diagnóstico dos autores em relação ao fenômeno tecnológico. Outro trabalho poderia ter como empreitada fazer frente ao que os autores apontaram como pontos de resistência ou alternativas não dominadas pela positividade dinâmica desse diagnóstico. Nesse sentido, penso que Heidegger aponta algo quando trata da Serenidade, uma maneira de entender que a lida com os objetos técnicos não é desprovida de sentido. Cf. *Serenidade* (discurso proferido em 1955). Baudrillard, por sua vez, aponta para a troca simbólica, uma dimensão de lida com o signo que não ficaria circunscrita na relação instrumental-utilitária da economia política. Ou seja, um desvio considerável da lei de valor a contrapelo da troca mercadológica, posteriormente também tratado como sedução (BAUDRILLARD, 2001b, p. 17).

Recebido em 09/02/2021

Aprovado em 30/11/2021

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Tradução Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.

BAUDRILLARD, Jean.. *A Troca Simbólica e a Morte*. Tradução Maria Estela Gonçalves e Adail Ubirajara. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BAUDRILLARD, Jean.. *Esquecer Foucault*. Trad: Cláudio Mesquita e Herbert Daniel. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BAUDRILLARD, Jean.. *Para Uma Crítica da Economia Política do Signo*. Tradução de Aníbal Alves. Lisboa: Edições 70, 1999.

BAUDRILLARD, Jean.. *Senhas*. Tradução: Maria Helena Khuner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001b.

CHUL-HAN, Byung, *Sociedade da Transparência*. Tradução: Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. “A Essência da Verdade”. In: *Marcas no Caminho*. Tradução: Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. “A Questão da Técnica”. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução: Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *As Questões Fundamentais da Filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. Tradução: Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Tradução inédita: Tito Marques Palmeiro.

HUI, Yuk. *The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechnics*. Falmouth: Urbanomic, 2016.

LYRA, Edgar. “A atualidade da Gestell heideggeriana ou a alegoria do armazém”. In: *Heidegger: A Questão da Verdade do Ser e sua Incidência no Conjunto do seu Pensamento*. Rio de Janeiro: FAJE/Via, Verita, 2014.

SAITO, Kohei. *Os Cadernos Ecológicos de Marx – parte 1*. Tradução: André Gavasso e Débora Cunha. Disponível em: <https://leiamarxistas.medium.com/os-cadernos-ecol%C3%B3gicos-de-marx-8e6ee02d51de>. Acessado em 25/03/2021.

